



Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica

ISSN: 1809-4414

Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica do
Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de
Janeiro - UFRJ

Ouvry, Olivier

A teoria do puberal* em Jacques Lacan

Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica, vol. XX, núm. 2, 2017, Maio-Agosto, pp. 311-320

Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica do Instituto
de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

DOI: 10.1590/1809-44142017002002

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=376554416002>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

UFRJ redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

A TEORIA DO PUBERAL* EM JACQUES LACAN

Olivier Ouvry

Olivier Ouvry
Universidade Paris
13 (Sorbonne Paris
Cité), Mestre de
Conferências da
Unidade Transversal
de Pesquisa
Psicogênese e
Psicopatologia,
Paris, França.

Tradução
Martha Hervieu
École Freudienne,
Paris, França.

Revisão da tradução
Denise Coutinho
Universidade
Federal da
Bahia, Instituto
de Psicologia,
Salvador/BA, Brasil.

RESUMO: A hipótese defendida neste artigo é dupla. Em primeiro lugar, uma teorização implícita do puberal é necessária, por sua importância lógica, para autores que não trataram do tema. Em segundo lugar, a teorização implícita sobre o puberal em Jacques Lacan pode ser extraída de um artigo de Jacques-Alain Miller: *O Outro do Outro*. Na transição entre *o Outro do Outro* e *não existe Outro do Outro* — presente no Seminário 5 e seguintes — Lacan faz um avanço que pode assemelhar-se ao percurso da criança tornando-se púbere: queda do pai imaginário do Édipo e revelação de S(A barrado). Assim, dir-se-ia que uma mudança de paradigma na teoria tem, ela mesma, um valor teórico (como na passagem da primeira à segunda tópica em Freud), que teria escapado ao autor e que, portanto, continua em aberto.

Palavras-chave: adolescência, puberal, Lacan, paradigma, teoria.

ABSTRACT: The theory of puberty in Jacques Lacan. This article defends a double hypothesis: that an implicit theorisation of puberty is a necessity among psychoanalytic authors who have not dealt with this subject (because of its logical importance); that Lacan's own theorisation can be extracted from an article by Jacques-Alain Miller, *L'Autre de l'Autre*. In the movement from *l'Autre de l'Autre* to *il n'y a pas d'Autre de l'Autre* — which corresponds to the shift between Seminar V and the following seminars — the step taken by Lacan

* Retomamos aqui o conceito de puberal dado por Philippe Gutton, e anteriormente tratado por Pierre Mâle: “O puberal é para o psiquismo o que a puberdade é para o corpo”. Gutton distingue os processos puberais iniciais, imediatamente após os primeiros tempos da puberdade, dos processos do *adolescents*. Os primeiros designam o que o sujeito experimenta tornando-se adolescente e que delinea a complementaridade nascente do *outro do Outro* sexo. Trata-se de uma novidade que advém de forma radical; nada no infantil a prefigura. Os segundos designam fenômenos mais tardios (o puberal deverá ter sido minimamente subjetivado para que eles possam advir) e correspondem às transformações das identificações que deles resultam. Esses dois tempos foram descritos por Philippe Gutton em dois trabalhos epônimos: *Le pubertaire*, coll. Quadrige. Paris: P.U.F., 2013 e *L'adolescents*, Paris: P.U.F., 1966.

can resemble the journey of the child's entrance into puberty: the fall of the imaginary father of Oedipus and the revelation of S(A). We could therefore say that, unbeknownst to him, a paradigm change in an author's theory has its own theoretical value (akin to Freud's movement from the first to the second topography), which should be discovered.

Keywords: adolescence; puberty; Lacan; paradigm; theory.

É sempre surpreendente constatar que os teóricos eminentes que são Freud ou Lacan tenham passado ao largo sobre o tempo puberal, esse tempo que nos parece tão incontornável atualmente. Como é possível? No entanto, não se trata de uma etapa vaga ou imprecisa, como poderiam ser a crise dos quarenta ou a idade da razão. O suporte fisiológico desse tempo, as transformações corporais que dão maturidade ao genital, a mudança dos discursos dos sujeitos tornando-se adolescentes¹... todas essas diferentes formas de identificar seus efeitos tornam ainda mais consequente a passagem.

No tempo de Freud, a adolescência começava a emergir no discurso social. Segundo Marc Fumaroli, se antes do século XVIII a infância não tinha lugar (FUMAROLI, 2007, p. 17-30), antes do começo do século XX a adolescência tinha pouca consistência (OUVRY; MARTY; BOURQUIN, 1996, p. 81). Sem esse apoio social, torna-se compreensível que Freud tenha sido tão pouco atento a ponto de subestimar sua importância² — para além do fato de que seu verdadeiro objeto de estudo era a sexualidade infantil e suas consequências no sofrimento do adulto. Porém, no tempo de Lacan e dos anos 1968, da emergência patente dessa nova entidade sociológica — a ponto de suscitar uma segmentação clara das campanhas publicitárias ou do marketing —, como compreender isso?

Na falta de indícios, avançamos na hipótese de que não é possível que não se o encontre no trabalho deles. Não tanto de forma declarada, pois está ausente,

¹ Importância cujo suporte social pode ser encontrado, por exemplo, na passagem da quinta à sexta série do Ensino Fundamental. “[...] passage de l'école primaire au collège dans l'Éducation Nationale.”

² É o que retemos do capítulo III e do seguinte, *Recapitulação*, dos *Três ensaios sobre a teoria sexual*, onde Freud descreve “duas modificações induzidas pela chegada da puberdade [...]: a subordinação de todas as outras origens da excitação sexual à primazia das zonas genitais e o processo da descoberta do objeto”, duas modificações já prefiguradas na infância, precisa Freud. Ele acrescenta a constatação de um recalque na menina “necessário, que elimina uma parte da virilidade infantil e prepara a mulher à troca de sua zona genital dominante” e a importância de levar em conta “a barreira erigida entrementes contra o incesto para se dirigir (o investimento nos pais) a outros indivíduos que se lhes assemelhem”. Fora a mudança da zona erógena na menina, todos esses pontos reenviam à importância a ser dada à sexualidade infantil para apreender seu impacto sobre a patologia dos adultos. Não há nada que nos pareça definir uma metapsicologia dessa passagem.

mas de forma implícita — como um dado fundamental que teria escapado a um pesquisador e cuja necessidade lógica se manifestaria em seu trabalho, sob a forma de um esboço, de um ponto desfocado no trabalho, de uma passagem de uma teoria a outra (e aqui podemos fazer referência ao trabalho do sonho, que mostra como um “saber não-sabido” [*savoir insu*] pode ser organizador de uma produção do sujeito). Portanto, o puberal apareceria logicamente nos escritos deles, mas em negativo, em filigrana, encoberto, como figuras de suporte do que é não-percebido e que, apesar de tudo, impõe-se por seus efeitos inelutáveis.

Uma pesquisa precedente nos fizera observar em Freud tal operação. Interessamo-nos pelas condições que lhe haviam sido necessárias para abordar a especificidade do percurso edipiano da menina³. Observamos como correspondiam a uma mudança de paradigma, que se anuncia no texto *A organização genital infantil*, sob a forma da aparição do significante do Falo. Uma nova perspectiva se instaurava então, correspondendo à passagem entre o órgão sexual e a simbólica fálica. Note-se que ela é contemporânea da passagem entre a primeira e a segunda tópicas⁴.

Desse modo, aparece a ideia de que os avanços teóricos em psicanálise podem ser menos presentes sob a forma de novos conceitos do que sob a forma de mudanças de paradigma — podendo ser feitos, então, à revelia do autor⁵. Para Freud, a descoberta da especificidade do percurso da menina não podia acontecer sem essa mudança de paradigma, que aparece como uma necessidade teórica — mas sob o modo de uma passagem na teoria, ficando assim em segundo plano, em relação ao que ocupava Freud, a saber, a descrição dos estados psicodinâmicos estabilizados e observáveis.

Nossa ideia de pesquisa seria verificar se tal fenômeno poderia ser observado no trabalho de Lacan e especialmente em relação a esse tempo puberal que ele jamais abordou. Poderíamos, talvez, igualmente localizar ali uma mudança de paradigma, tomando como referência aquela observada em Freud, e que daria a essa fase tão importante da vida um lugar no seu *corpus* teórico?

Um artigo de Jacques-Alain Miller nos ajudou neste projeto. Trata-se de “O Outro sem Outro” (*L’Autre sans Autre*) (MILLER, 2013), exposto no encerramento

³ Percurso edipiano diferenciado daquele do menino, pela importância dada à fase pré-edipiana, onde a menina se comporta como um menino, segundo Freud (mesma zona erógena — clitóris assimilado ao pênis — e mesmo objeto sexual, a mãe), e pelo fato de que a castração seja a entrada no Édipo, ao passo que, para o menino, é o modo de saída.

⁴ Passagem que se pode descrever como sendo da geometria (aparelho psíquico descrito em estratos sucessivos) à topologia (articulação das três instâncias do eu, supereu e isso, cujos contornos não são distintos uns dos outros), sendo a localização da função do significante do Falo o pivô dessa passagem de uma à outra.

⁵ Freud desenvolve a necessidade teórica da segunda tópica, mas as regras de transcrição de uma à outra não são aparentes.

do Congresso de Atenas da N.L.S. (*Nouvelle École Lacanienne de Psychanalyse*) em 2013. Propomos aqui uma leitura exaustiva desse artigo.

O OUTRO SEM OUTRO

O autor parte da proposição de Lacan: “Não há Outro do Outro”, enunciada em 8 de abril de 1959 durante seu Seminário “*O desejo e sua interpretação*” (LACAN, 1959/2016). Ora, Miller observa que tal proposição está em contradição direta com o que Lacan enunciara e escrevera no ano anterior. Lacan, no entanto, acentua sua importância, sublinhando nessa mesma sessão: “[...] isso é, se posso dizer assim, o grande segredo da psicanálise”. Grande segredo que escapa aos analistas? É preciso então que essa tomada de consciência tenha efeitos de revolução em relação ao que, até então, estava estabelecido. É o que confirma Jacques-Alain Miller: “essa proposição constitui um momento de báscula completamente decisivo para a continuação de seu ensino [...]. Foi preciso, efetivamente, que Lacan pensasse contra ele mesmo para formular ‘Não há Outro do Outro’. No princípio, ele ensinou o contrário” (MILLER, 2013, *ibid.*, p. 3).

Essas concepções precedentes encontram-se em dois textos: no seminário que precede *O desejo e sua interpretação*, ou seja *As formações do inconsciente* (1958/1999), e no texto que marca o fim desse período que se conclui no seminário 5, *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* (LACAN, 1966/1998).

Nesses textos, nos quais Lacan se apoia sobre os textos de Freud presentes no volume *A vida Sexual*⁶, a questão do pai era central. É nesse segundo texto que ele formula o “Nome-do-Pai” e constrói a “metáfora paterna”, conceitos que desde então tornaram-se célebres. E Jacques-Alain Miller observa que Lacan teorizava da seguinte forma: “o Nome-do-Pai — isto é, do significante que, no Outro como lugar do significante, é o significante do Outro como lugar da lei” (LACAN, 1966/1998, p. 589-90). Basta ler essa definição de maneira formal, continua Jacques-Alain Miller, para se dar conta de que ela põe em cena dois Outros, dois estatutos do grande Outro: o Outro do significante e o Outro da lei — do qual eu digo que ele vale, desde então, como o Outro do Outro” (MILLER, 2013, p. 4).

Essa báscula vem interromper e marcar um antes e um depois entre os cinco primeiros Seminários e o *Discurso de Roma* (LACAN, 1953/2003), que inaugura o novo período que se anuncia. Esse primeiro período será completamente abandonado, sobretudo levando-se em conta os avanços tardios de Lacan. Com efeito, Lacan introduz, então, um para além do inconsciente estruturado como uma linguagem para falar da *Alíngua* (*Lalangue*), lugar dos significantes no real, onde nem sujeito nem lei estão presentes, lugar de manifestações do *falasser* [*parlêtre*] e

⁶ Onde ele descreve a sexualidade, tal como se instaura no infantil.

do “corpo falante, da lógica do gozo”⁷. Assim, essa paixão inicial de Lacan pela lei (da qual Jacques-Alain Miller enuncia as diferentes ocorrências: linguística, dialética, matemática, sociológica e freudiana) inverteu-se assim: “ele começou, pode-se dizer, sob a égide da lei e mais ele progrediu, mais ele valorizou o sem lei” (MILLER, 2013, p. 5).

De fato, “se o ensino de Lacan tem um sentido, uma direção, é o de um desmantelamento metódico, constante, obstinado da pseudo-harmonia da ordem simbólica” (ibid, p. 8), observa Jacques-Alain Miller. A desconstrução da metáfora paterna passou por diferentes etapas — que são descritas — para chegar a um momento crucial do ensino de Lacan, quando ele se encontrou numa encruzilhada, tendo de um lado a metáfora paterna e, de outro, a metonímia do desejo. “Ele começou por utilizar a figura da metáfora. Utilizou-a para formalizar o Édipo freudiano, no seminário IV, *A relação de objeto*. Foi somente em seguida que ele utilizou a segunda figura, a metonímia, para formalizar o desejo. Eu diria que existem aí dois termos que se complementam: a metáfora paterna e a metonímia do desejo” (ibid, p. 10).

Foi essa segunda via que ele seguiu, diz Jacques-Alain Miller, e os seminários 5 e 6 são os da construção do grafo do desejo. O fim de uma análise não é a revelação de um Nome-do-Pai resolutivo da questão do ser do sujeito, mas de S(A barrado), noção introduzida de forma contemporânea: ou seja, a falta no Outro, a falta do que ofereceria uma possível recuperação de toda a parte gozosa do corpo pelo inconsciente estruturado como uma linguagem. Esse ponto constitui o fim de *A Direção do tratamento* (LACAN, (1958/1998), p. 629): “o desejo é a metonímia da falta-a-ser”. “Não há como dizer melhor o fato de que o desejo, aqui, está em sintonia com a falta, que ele é sem substância, que está, com efeito, em sintonia com S(A barrado), com a inexistência de uma metáfora terminal que faria surgir uma significação definitiva” (MILLER, 2013, p. 11), acrescenta Jacques-Alain Miller. E Lacan sublinha que se trata, no final da análise, de “reencontrar o horizonte desabitado do ser” (ibid, p. 641).

A etapa seguinte do ensino de Lacan, a partir do seminário 6, *O desejo e sua interpretação*, é marcada pela importância dada ao fantasma fundamental, na medida em que ele é atravessado no final da análise. Trata-se da “relação inconsciente do sujeito ao objeto na experiência desejante do fantasma” (MILLER, 2013, p. 13). O desejo inconsciente é posto em evidência e o seu objeto, o objeto *a*, escapa precisamente às leis da linguagem, os “mais-de-gozar” que ultrapassam a castração. Gozos perversos, não normatizáveis: “não há normalidade do desejo”

⁷ MILLER, J.-A. “L’inconscient et le corps parlant”. Apresentação do tema do 10º Congresso da AMP, Rio de Janeiro, 2016, Disponível em: <<http://www.wapol.org/fr/articulos/Template.intTipoPagina=4&intPublicacion=13&intEdicion=9&intIdiomaPublicacion=5&intArticulo=2742&intIdiomaArticulo=5>>.

(*ibid*, p. 15). Lacan chegará a falar de pai-versão [*père-version*], de versão do pai, ou seja, do que não terá nunca a faculdade de normatizar tudo, de tudo ocultar sob a ordem simbólica.

HIPÓTESES

O que Jacques-Alain Miller nos parece descrever é uma evolução do trabalho de Lacan que se faz por um corte não explicitado: a queda do Outro do Outro. Desse Outro do Outro, que pode garantir à linguagem o que a funda e certifica, passamos a um Outro sem Outro, marcado por uma falta [*S(A barrado)*].

Trata-se de uma mudança de paradigma. Lacan teve que abandonar uma teoria, que já não era pertinente, para abrir-se a uma outra. Ora, esse abandono corresponde à passagem entre os Seminários 5 e 6, ou seja, daquele que tinha por objeto o Édipo e aquele que se atém à psicanálise dos adultos. Nessa passagem, temos a passagem do infantil ao juvenil: o puberal.

O primeiro tempo do trabalho de Lacan corresponde à constituição do Édipo, que é precisamente objeto do seminário 5, *As formações do inconsciente*, e ao seu remanejamento dentro da perspectiva oferecida pelas contribuições da linguística e do estruturalismo que sucederam Freud. O Seminário seguinte vai mais além e ultrapassa o infantil para abordar o desejo e a pertinência de sua escuta na psicanálise dos adultos. Nessa transição, o puberal se inscreve, mas como traços que precisamos esclarecer. Não como teoria, conforme salientamos, mas como salto paradigmático — precisamente aquele descrito por Jacques-Alain Miller.

E, de fato, a criança pré-púbere se constrói com a ideia de um pai que sabe alguma coisa sobre o sexual. Sobre ele, a partir do Édipo, repousa a instauração da realidade da diferença dos sexos (à qual se opunham as teorias sexuais infantis) e do dever da criança de se posicionar de um lado ou de outro da fronteira que separa os dois sexos. Essa autoridade do pai se apoia sobre o fato de ser articulada ao desejo da mãe, isto é, a um saber sobre esse desejo — ele mesmo articulado a um “ter”: ter um pênis. Mas essa suposição de saber fundamenta-se na imaturidade fisiológica da criança, articulada ao fato de que há apenas o fálico no infantil, como dizia explicitamente Freud. Um único sexo existe para a criança (a vagina somente é descoberta tardiamente, no pós-puberal), porque na linguagem que a estrutura existe apenas um significante para os dois sexos: o significante do Falo. É de um lado e de outro do significante do Falo que se estabelece a diferença dos sexos⁸.

⁸ “Pela psicanálise, o significante se define como agindo, antes de mais nada, separado de sua significação. É esse o traço de caráter literal que especifica o significante copulatório, o falo, quando, surgindo fora dos limites da maturação biológica do sujeito, se imprime efetivamente, sem poder ser o signo que representa o sexo existente do parceiro, isto é,

Portanto, somente após o aparecimento das modificações fisiológicas puberais, o Outro sexo (marcado com uma letra maiúscula para distingui-lo do fálico infantil) vem instalar-se. Freud apresentava esse ponto dizendo que o deslocamento das zonas erógenas, do clitóris à vagina, só se fazia no período da puberdade. Antes dele, a vagina não teria influência sobre o sexual. Tal afirmação foi polêmica desde a época de Freud — e ainda o é atualmente⁹.

O puberal corresponde então ao advento do Outro sexo — o que nós chamamos o Feminino (OUVRY, 2001). Ora, que contribuição esse advento introduz quanto ao saber sobre o sexo? A que novo-saber o genital introduz o recém-chegado, senão a um reenvio ao S(A barrado), ou seja, o significante da falta no Outro? Que nada assim responda nesse Outro a este Outro sexo na linguagem e que a novidade *puberal* é de natureza do real e destinada a permanecer nele: o real *puberal*. É o que faz cair o Outro do Outro e sua ilusão de saber, e abre ao rigor lógico do “não existe relação sexual”¹⁰.

A promessa edípica (adquirir o saber suposto ao pai), ilusão edipiana necessária à criança, revela-se infundada. Ela tem como corolário a destituição do pai como portador dessa promessa. Aquele que deveria saber tanto revela-se como não-sabedor e tão vulnerável quanto qualquer outro homem, mortal, como seu filho que, ao tornar-se púbere, também o constatará, amargamente e pela primeira vez. Então, não se trata mais do pai, no sentido infantil, mas de uma versão entre outras do pai (pai-versão).

Essa passagem — pai idealizado da primeira infância ao pai destituído do pós-puberal — é exatamente, segundo a nossa proposição, o que descreve Jacques-

seu signo biológico; lembremo-nos de nossas fórmulas diferenciadoras do significante e do signo” (LACAN, 1966/1998, p. 890).

⁹ A questão concernia à importância das sensações vaginais precoces. No entanto, Freud sempre manteve que a vagina somente era descoberta, para os dois sexos, na puberdade. Era o que sua clínica lhe ensinava. Esta afirmação de Freud está presente em vários textos, de forma mais ou menos explícita. Pensamos que onde ela aparece mais desenvolvida é em “A feminilidade”, Conferência XXIII (1932, p. 150-181). In: *Novas conferências sobre a psicanálise*, Paris: Gallimard, 1984, p. 150-181.

¹⁰ Isso nos faz pensar nos percursos iniciáticos das confrarias, com dimensões místicas ou sectárias. O percurso da iniciação faz entrever o ponto final como apogeu desse percurso, despertando o iniciado a um saber desconhecido e aos efeitos de renovação... e, nessa passagem, precisamente nada é dado — senão um mantra, Isso nos faz pensar nos percursos iniciativos de confrarias, com dimensões místicas ou sectárias. O percurso de iniciação faz entrever o ponto final como apogeu deste percurso, despertando o iniciado a um saber desconhecido e aos efeitos de renovação... e, nesta passagem, precisamente nada é dado — senão um mantra, uma ilusão (*born again*), um imaginário. A vacuidade é paradoxalmente necessária a uma validação posterior desse princípio de trajeto. Nossa ideia é que tal validação paradoxal acha sua força na retomada daquilo que todo indivíduo já percorreu: o vazio da iniciação do puberal.

-Alain Miller: a passagem da crença em um Outro do Outro à constatação de que “não há Outro do Outro”.

Jacques-Alain Miller comenta, sem se dar conta, o fato de Lacan ignorar o puberal, cuja natureza é sublinhada por ele, quando indica: “É bem possível que esta revelação não tenha sido registrada, validada, assumida [...]. Os psicanalistas não acusaram recebimento. E é somente hoje, em 2013, que nós podemos levá-la a sério e considerar todas as suas consequências” (MILLER, 2013, p. 2). Os psicanalistas precisaram de tempo para reconhecer essa evidência, embora ela ainda se constitua apenas como implícita: o implícito da teoria puberal de Lacan.

A teoria puberal em Lacan, implícita como a propomos, fica como uma mudança de paradigma; corresponde a uma passagem. O que havia antes não é mais operacional para o que vem depois. Duas placas tectônicas se encontram e a segunda cobre a primeira; o que resta dela são traços escondidos — movimento que Freud retomou tantas vezes nas comparações com as buscas arqueológicas, se não geológicas. E, de fato, a amnésia que particulariza a passagem do infantil ao juvenil é correntemente observada na prática clínica, como, por exemplo, o menino devoto que se torna, na puberdade, um ateu militante, ou aquela mocinha, tão feminina no período pré-puberal, que esconde as manifestações da novidade da puberdade no seu corpo com roupas neutras e com uma aparência desleixada durante a adolescência (sem maquilagem, despenteada, sem artifícios de feminilidade).

Formalizando essa passagem, diríamos que S(A barrado) se revela com o advento do puberal. Na infância, ele se encontrava velado pelo significante do Falo. Um ponto escapa no simbólico, o ponto do gozo Outro, gozo que o Outro sexo revela. S(A barrado) é a sua escritura no simbólico, “gozo Outro” no real e “o Feminino, o Outro sexo” no imaginário. É um efeito do real do corpo pelas modificações fisiológicas da puberdade que não se inscreve no inconsciente estruturado como uma linguagem. É preciso chegar aos estratos do gozo específico da mulher e, em seguida, à *Alíngua* [*Lalangue*] para aproximá-lo, e sob o modo do gozo do corpo.

S(A barrado) é sua escritura no simbólico, “gozo Outro” é a escritura no real, e “o Feminino ou Outro sexo” no imaginário.

Essa passagem se formaliza no esquema ótico, como propusemos no nosso trabalho para a HDR¹¹. Com efeito, I(A), Ideal do Eu, ponto de acomodação sobre o qual o olhar da criança se ajusta para refletir o mundo no seu córtex — esse mundo que integra a diferença dos sexos à realidade — cai, quando da passagem puberal, com a instância do pai. Em seu lugar vem S(A barrado), ou seja,

¹¹ Nota da Tradução — *Habilitation à diriger des recherches*. A habilitação para orientar pesquisas é uma qualificação universitária que se pode obter após a realização do doutorado. Na França, a qualificação para orientar pesquisas e teses doutorais passa pela obtenção do HDR.

o que vem ligar o gozo Outro à imagem do outro, ao que vem fazer alteridade e revelação do outro do Outro sexo.

O percurso do trabalho de Lacan é tradicionalmente descrito como tendo se consagrado, num primeiro tempo, a definir a importância do Imaginário na constituição do eu (o estádio do espelho, o esquema ótico), em seguida, a importância do Simbólico e de seus efeitos estruturais (o inconsciente estruturado como uma linguagem), e finalmente o Real e suas manifestações de gozo do qual o *falasser* [*parlêtre*] é portador (o espaço da *Alíngua* e dos significantes no real, vetores de gozo, lugar da letra e da escrita). Essa descrição clássica vale para propor ao recém-chegado na *land* lacaniana uma sistematização ao formalismo pronto para uso pré-concebido da universidade. Mas esse histórico linear poderia ser enriquecido levando-se em conta o que se interpôs entre esses movimentos teóricos, a saber, sua passagem. Cada etapa elucida uma organização teórica, mas a articulação entre elas reenvia a uma necessidade que poderá ganhar consistência teórica. Essas passagens correspondem a dinâmicas — e, de fato, o puberal é uma delas¹².

A visão desenvolvimentista horrorizava Lacan, que via nisso um empobrecimento da complexidade da história¹³. No entanto, Freud havia descrito os estádios; mas apenas estádios (oral, anal, fálico) que não se sucediam em função da desaparecimento do estádio precedente (conforme as regressões descritas por Freud de um estádio a outro). Com o Édipo, temos acesso a uma primeira mudança tal como as que descrevíamos, as que se acompanham de um recalque do período anterior (cf. Freud e o *Desaparecimento do complexo de Édipo*). O puberal seria, então, uma segunda mudança. E assim como Freud teve que apelar para uma mudança de paradigma para integrar as consequências pós-edípicas para a menina, consequências jamais ultrapassadas por ela, também Lacan o fez, quando da passagem do seminário 5 ao 6, ou seja, a passagem do infantil ao juvenil, o puberal.

Desse modo, haveria uma teoria implícita de Lacan sobre o puberal. Ela se encontra na passagem, em seu trabalho, de um Outro do Outro ao não há Outro do Outro. Equivalente a um abalo tectônico, onde a obsolescência de uma configuração teórica se impõe diante do advento de uma novidade que obriga a uma reorganização do que, até então, funcionava. Trata-se de um movimento na teoria que nós situamos como *movimento na estrutura*.

¹² Trata-se da mesma passagem que havíamos identificado em Freud, quando ele focalizou a descrição do percurso da menina.

¹³ “Basta dizer de passagem que, na psicanálise, a história é uma dimensão diferente da do desenvolvimento e que é uma aberração tentar reduzi-la a este. A história só se desenrola como um contratempo do desenvolvimento. Ponto do qual a história como ciência talvez deva tirar proveito, se quiser escapar à dominação sempre presente de uma concepção providencial de seu curso” (LACAN, 1966/1998a, p. 890).

Cabe aos sucessores de Lacan extrair disso o que viria a se constituir como suporte de uma clínica lacaniana da adolescência.

Recebido em: 27 de setembro de 2015. Aprovado em: 10 de junho de 2016.

REFERÊNCIAS

- FUMAROLI, M. (2007). *L'invention de l'enfance chez Rousseau et Chateaubriand*. Studi veneziani, N. S. L. I. Roma: Fabrizio Serra Editore.
- GUTTON, P. (1997). La puberté est au corps ce que le pubertaire est à la psyché. Le pubertaire. In: Maja Perret-Catipovic François Ladame, Sigmundo Freud. *Adolescence et psychanalyse: une histoire*. SUISSE: Delachaux et Niestle.
- LACAN, J. A ciência e a verdade (1966). In: _____. Escritos. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998a. Trad. Vera Ribeiro.
- _____. A direção do tratamento e os princípios de seu poder (1958). In: _____. Escritos. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998. Trad. Vera Ribeiro.
- _____. *As formações do inconsciente* (1958). Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999. (O seminário, 5). Trad. Vera Ribeiro.
- _____. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose (1966). In: _____. Escritos. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998. Trad. Vera Ribeiro.
- _____. Discurso de Roma (1953). In: _____. Outros escritos. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003. Trad. Vera Ribeiro.
- _____. *O desejo e sua interpretação* (1959). Rio de Janeiro: Zahar, 2016. (O seminário, 6). Trad. Claudia Berliner. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller.
- MILLER, J.-A. *L'Autre de l'Autre*. Palestra de encerramento do 11º Congresso da NLS (Nouvelle École Lacanienne de Psychanalyse). Le sujet psychotique à l'époque Geek. Atenas, 19 mai 2013. Disponível em: <http://amp-nls.org/downloads/JAM_Athenes2013.pdf>.
- OUVRY, O. Le Féminin comme nouveauté pubertaire. *Le Féminin: un concept adolescent?* sous la direction de Serge Lesourd, Éd Erès, coll. Le Bachelier, 2001.
- _____. MARTY, F.; BOURQUIN, J. Évolution de la notion de travail associée à celle d'adolescence au cours du XIXe et au début du XXe siècle. *Adolescence*. 1996. V. 14, n. 2.

Olivier Ouvry
ouvry@club-internet.fr

Martha Hervieu
marthahervieu@free.fr

Denise Coutinho
denisecoutinho1@gmail.com